

## TENTATIVAS DE FEMINICÍDIOS: A RELIGIÃO EM PAUTA A PARTIR DE VIVÊNCIAS DE MULHERES EVANGÉLICAS<sup>1</sup>

*Eixo Temático ET 18 - Gênero, Sexualidade e Religião*

Ana Clara de Arruda Nunes<sup>2</sup>  
Tatiana Machiavelli Carmo Souza<sup>3</sup>

### RESUMO

A violência contra mulheres decorre das desigualdades de gênero, as quais podem ser legitimadas por diversas instituições sociais, dentre elas, esse estudo investigou as relações entre tentativas de feminicídios e a religião. Foram entrevistadas oito mulheres com sólida trajetória em religião de segmento evangélico que sofreram tentativas de feminicídios perpetrada pelo (ex)parceiro. A relação entre a religião e a vivência das tentativas de feminicídio perpassou a omissão e negligência das instituições religiosas, as quais naturalizaram as violências, não contribuindo com a denúncia aos órgãos especializados, o amparo às mulheres e incentivo para o rompimento da relação violenta, dessa forma, podendo contribuir para possíveis feminicídios.

**Palavras-chave:** Feminicídio, Religião, Violência Institucional.

### INTRODUÇÃO

Em decorrência do seu gênero e das violências pelo ódio, pelas desigualdades e pela discriminação, todos os dias mulheres são mortas no Brasil, esse tipo de crime é denominado como feminicídio (BRASIL, 2015). A literatura aponta a necessidade de compreender a violência contra as mulheres em uma perspectiva de gênero, desconstruindo os significados atribuídos aos sexos que caracterizam o masculino e o feminino (BANDEIRA, 2014; ONU, 2016). A violência contra mulheres surge face as desigualdades de gênero, as quais tem seu

---

<sup>1</sup> O presente resumo faz parte do projeto de iniciação científica intitulado “Tentativas de feminicídios e religião: análise de vivências de mulheres evangélicas”, financiado pelo CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Catalão- UFCAT, anaclara.arruda.nunes@gmail.com;

<sup>3</sup> Professora orientadora: Doutora em Serviço Social pela Universidade Estadual Júlio Mesquita-UNESP, tatimachiavelli@yahoo.com.br.

cerne em diversas instituições sociais, dentre elas esse estudo destaca a religião enquanto instituição que pode naturalizar as hierarquias de gênero, sacralizando a violência.

Ao analisarmos a religião na sociedade brasileira, é mister destacar sua complexidade notória e suas contradições. A religião assume significativo controle da vida dos indivíduos, notadamente das mulheres, pautando valores e concepções do que é certo e errado pela ótica divina (GEBARA, 2019). Ao estudarmos a influência das religiões nas leis, políticas, valores culturais e sociais brasileiros torna-se evidente a correspondência entre valores sociais e religiosos que contribuem para a perpetuação da violência contra as mulheres (SIQUEIRA, 2019).

Desse modo, há diversas justificativas religiosas para legitimar a hierarquia entre os gêneros, além da sacralização da violência, apontando para o campo do sagrado a subordinação feminina (ABDRUSCHIN; ULRICH, 2018). As mulheres também são responsabilizadas pelas famílias, cuidados e manutenção do núcleo familiar. Já que o casamento é visto como sagrado, são aconselhadas diversas vezes pela comunidade religiosa a continuarem nos relacionamentos violentos em prol de assegurarem a união familiar (SOUZA; OSHIRO, 2018).

Além disso, há entre diversas religiões cristãs o enaltecimento do sofrimento (PINEZI, 2015; ROESE, 2015). Esse sofrimento pode ter um significado diferente na vida das mulheres, fazendo-as se sentirem responsáveis pela violência que sofrem e a suportarem em prol da salvação divina (ROESE, 2015). Essas concepções, aliadas aos discursos das comunidades religiosas para que as alternativas de superação da violência sejam pautadas na oração, na fé, e na crença da salvação divina, ao invés da denúncia aos órgãos especializados, podem ter significado crucial na vida das mulheres. Assim, devido a negligência e a omissão, podem contribuir para a violência letal contra as mulheres.

Souza e Oshiro (2018) ressaltam que apesar de a maioria das mulheres brasileiras serem católicas, a maioria das mulheres em situação de violência atendidas em serviços públicos de apoio são evangélicas. Embora evangélicos(as) correspondam a 22,2% da população (IBGE, 2010), os atendimentos realizados a mulheres evangélicas correspondem de 26% a 90% dos acolhimentos a mulheres em situação de violência doméstica. Dessa forma, Souza e Oshiro (2018, p. 210) enfatizam o quanto “é preciso discutir a relação entre religião e a violência de gênero, a relação da religião com a permanência ou com a ruptura do ciclo de violência doméstica”.

Diante disso, a presente pesquisa teve como objetivo investigar as vivências de tentativa de feminicídio em mulheres em situação de violência doméstica e as possíveis relações com a religiosidade. O objetivo específico é investigar as violências contra as mulheres no contexto religioso e compreender a percepção dessas mulheres sobre as tentativas de feminicídios.

## **METODOLOGIA**

O presente estudo faz parte do projeto de pesquisa integrado “Violência, Gênero e Família: Implicações na Psicologia e Sociedade”, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Goiás, sob o parecer de número 5.271.943. Trata-se de pesquisa qualitativa com foco no estudo das subjetividades (REY, 2005).

Elaboramos questionário eletrônico com o intuito de localizar mulheres que sofreram tentativas de feminicídios dispostas a relatarem suas vivências. Foi solicitado contato (e-mail, telefone e/ou rede sociais) àquelas participantes que tivessem interesse em conceder entrevistas. Para integrar o estudo, foram selecionadas participantes por meio da aplicação de critérios: (a) ter mais de 18 anos; (b) ter sofrido tentativa de feminicídio perpetrada pelo parceiro; e (c) ter sólida trajetória em religião de segmento evangélico. Foi realizada entrevista online, pela plataforma do *Google Meet*, com oito mulheres em contexto de violência doméstica. As entrevistas foram gravadas, semidirigidas, individuais e transcritas na íntegra, com duração média de 56 minutos. Mesmo de forma *online*, todos os procedimentos éticos foram seguidos e os Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foram validados.

Os dados foram analisados e interpretados à luz das Teorias Feministas e de Gênero. Realizamos a análise por meio da identificação de significados, repetições, similaridades, contradições, valores e concepções individuais e coletivas nos discursos, problematizando questões históricas, sociais e culturais (AGUIAR; OZELLA, 2006).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As participantes possuíam idade entre 29 anos e 55 anos, com média de 39 anos. A maioria se autodeclarou branca e com ensino superior completo. Três participantes não possuíam filhos. Duas entrevistadas afirmaram que possuíam menos de 10 anos como adeptas da religião evangélica, as demais relataram serem praticantes a mais de 10 anos.

As entrevistadas vivenciaram tentativas de feminicídios envolvendo o instrumentos como armas brancas e armas de fogo. Identificamos o uso da força física, ações de abandono em lugares de alta vulnerabilidade e periculosidade, direção inconsequente e perigosa, entre outras formas de feminicídio. Ademais, as participantes sofreram diversos tipos de violência

como a sexual, física, moral, patrimonial e psicológica. Nessa direção, é importante destacar que os feminicídios, geralmente, são resultados de violências contínuas articuladas às trajetórias de vida das mulheres (MENEGHEL; PORTELLA, 2017).

As participantes vivenciaram múltiplas tentativas de feminicídios premeditadas, na qual perceberam que os agressores tinham intenção de matá-las. Contudo, foram diversos os aspectos que as levaram a continuar na relação, como os discursos, práticas e crenças religiosas. Além das inúmeras violências relatadas, as participantes ressaltaram a vivência de violência institucional por parte das igrejas evangélicas, sendo essas violências exercidas, principalmente, por meio de estratégias que envolviam poder, autoridade, medo, controle, culpa, manutenção da família, enaltecimento do sofrimento, violência psicológica, entre outros. A religião envolve uma complexidade notória no cenário político, social e econômico brasileiro, influenciando diversos setores e âmbitos da vida coletiva e individual das pessoas (GEBARA, 2019).

Observamos que a relação entre a religião e a vivência das tentativas de feminicídio permeou a naturalização e legitimação da violência. As participantes que recorreram às igrejas em busca de ajuda foram responsabilizadas e culpabilizadas pelas violências sofridas. Os discursos apontaram a omissão e negligência das instituições religiosas que, utilizando-se de justificativas divinas, naturalizaram e colocaram na figura do sagrado a responsabilidade pelo fim da violência, evitando a denúncia aos órgãos especializados, o amparo às mulheres e incentivo para o rompimento da relação violenta, dessa forma, podendo contribuir para possíveis feminicídios.

A violência não diz respeito somente ao uso da força física e lesões biológicas, mas, transcende esses aspectos, perpassando relações de poder, negligência e omissão, causando danos e sofrimento emocionais e sociais (DAHLBERG, KRUG, 2007; ABDUSCHIN, ULRICH, 2018). As religiões mediante as suas esferas de poder culpabilizam, responsabilizam, negligenciam e apontam a solução da violência mediante oração e passividade, sendo assim, contribuem para a perpetuação da violência que podem culminar em feminicídios.

Os discursos religiosos sacralizam a violência, colocando no campo do sagrado, com base em justificativas divinas, a subalternização e exclusão das mulheres, enfatizando os sofrimentos e a união familiar. Para Abdruschin e Ulrich (2018, p. 14), “é exatamente no sacrifício que a violência é sacralizada”. Na mesma vertente, para Pinezi (2015), as igrejas pentecostais e as neopentecostais lidam com o sofrimento de maneira diferentes, contudo, para ambas a fé é essencial para cessar a aflição humana. A autora aponta que as igrejas pentecostais possuem um enaltecimento do sofrimento, por meio da pedagogia da cruz: através dela há uma aproximação do sujeito com Deus. Já as neopentecostais enfatizam que a ausência de Deus na



## VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,  
Saúde e Sustentabilidade

vida das pessoas causaria infelicidades e aberturas para que o Diabo atue em suas vidas. A oração e a fé são alternativas para ambas as denominações religiosas como via para a superação das angústias, dores e aflições.

Mediante a complexidade que envolve as crenças acerca do sofrimento, a religião pode dar sentido para questões que deveriam ser inaceitáveis da perspectiva das políticas e leis brasileiras (PINEZI, 2015). As práticas de sacralização da violência centram-se nas orações e na fé para a superação das violências. Dessa forma, essas medidas constituem ações incompatíveis com o que propõe a justiça brasileira e os direitos das mulheres. De acordo com Bandeira (2014), é necessário analisar o fenômeno da violência contra mulheres para além das ações praticadas por (ex)parceiros, assim, é preciso compreender também as violências exercidas pelas instituições. Desse modo, notamos que a violência institucional, praticada pelas instituições religiosas, pode consistir em abusos religiosos, os quais são passíveis de acarretar inúmeros danos à saúde física e emocional das mulheres, além da perda de suas vidas, podendo constituir em feminicídios.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o poder, autoridade, liderança e influência que os autoridades religiosas exercem sobre a sua comunidade de fé, é de suma importância que recebam formações com perspectivas de gênero, na tentativa de desconstruir leis monoteístas patriarcais que regem suas concepções e posicionamentos e que podem ter um grande significado na preservação e na qualidade de vida das mulheres, inclusive, podendo contribuir para possíveis feminicídios religiosos e/ou motivados por discursos ou práticas religiosas. Os feminicídios engendram uma complexidade notória e múltiplas intersecções, sendo de suma importância novos estudos na área que possam contribuir para a superação desse grave fenômeno social.

### REFERÊNCIAS

- ABDRUSCHIN, Schaeffer Rocha; ULRICH, Claudete Beise. A dessacralização da violência contra as mulheres no altar do patriarcado: reflexões a partir dos conceitos desejo mimético e bode expiatório em René Girard. **REFLEXUS** - Ano XII, n. 19, p. 16-38, 2018. Disponível em: <https://revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/718/601>. Acesso em 06 de jun.2022.
- AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sergio. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicol. cienc. prof.** Brasília, v. 26, n. 2, p. 222-245, jun. 2006. Disponível em:



BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Soc. estado.**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 449-469, ago. 2014. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-)

[69922014000200008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922014000200008&lng=en&nrm=iso). Acesso em 30 mar. 2021.

BRASIL. **Decreto-lei, nº13. 104, de 9 de março de 2015**. Brasília-DF, mar. 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113104.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113104.htm) . Acesso em 02 de mar 2020.

DAHLBERG, Linda L; KRUG, Etienne G. Violência: Um problema global de saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, v 11, p.1163-1178, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v11s0/a07v11s0> . Acesso em 07 de abr. 2021.

GEBARA, Ivone. Direitos reprodutivos: quem os legisla nas religiões monoteístas? In: TOSTES, Angelica; RIBEIRO, Claudio Oliveira (orgs). **Religião, corporeidade e direitos reprodutivos: outras vozes dentro da fé cristã**. São Paulo: Annablume. 2019. p. 41-78.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2010**. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em:

[https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag\\_203\\_Religi%C3%A3o\\_Evang\\_miss%C3%A3o\\_Evang\\_pentecostal\\_Evang\\_nao%20determinada\\_Diversidade%20cult](https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag_203_Religi%C3%A3o_Evang_miss%C3%A3o_Evang_pentecostal_Evang_nao%20determinada_Diversidade%20cult). Acesso em 02 mar. 2020.

MENEGHEL, Stela Nazareth; PORTELLA, Ana Paula. Femicídios: conceitos, tipos e cenários. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 22, n. 9, p.3077-3086. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/SxDFyB4bPnxQGpJBnq93Lhn/?format=pdf> . Acesso em 06 de jun.2022.

ONU MULHERES BRASIL. **Diretrizes Nacionais para Investigar, Processar e Julgar com Perspectiva de Gênero as Mortes Violentas de Mulheres –Femicídios**. Brasília: ONU Mulheres, 2016. Disponível em [http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/diretrizes\\_femicidio.pdf](http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/diretrizes_femicidio.pdf)>. Acesso em 10 de set. 2020.

PINEZI, Ana Keila Mosca. **A vida pela ótica da esperança**. São Bernardo do Campo: UFABC. 2015.

REY, Fernando González. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: Os processos de construção da informação**. São Paulo: Thomsom. 2005.



ROESE, Anete. Culpa, autosacrifício e responsabilidade: aspectos psicossociais e religiosos da violência doméstica. In: SOUZA, Sandra; SANTOS, Naira (org.). **Estudos Feministas e Religião Tendências e Debates**, v. 2. Curitiba: Prisma, 2015. p. 191-227.

SIQUEIRA, Grazielly Maria de Oliveira. **A relação entre religião e violência contra as mulheres**. 2019. 87 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação STRICTO SENSU em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia.

SOUZA, Sandra Duarte de; OSHIRO, Claudia Poleti. Mulheres evangélicas e violência doméstica: o que o poder público e a igreja têm a ver com isso? **Revista Caminhos - Revista de Ciências da Religião**, Goiânia, v. 16, p. 203-219, nov. 2018. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/6730>. Acesso em: 16 set. 2020.